

## LEITURA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA: NARRATIVA COM O MITO SACI-PERERÊ

Idelma Maria Nunes PORTO (PG-UEL)

ISBN: 978-85-99680-05-6

### REFERÊNCIA:

PORTO, Idelma Maria Nunes. Leitura e análise lingüística: narrativa com o mito Saci-Pererê. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. *Anais...* Maringá, 2009, p. 1415-1424.

### 1. CONTEXTUALIZAÇÃO

No Projeto de Pesquisa “Escrita e ensino gramatical: um novo olhar para um velho problema” (UEL), em andamento desde 2003, com pressupostos da Lingüística Aplicada, de cunho etnográfico, diagnosticamos em um primeiro momento a abordagem do ensino gramatical de professores que atuam em séries do nível fundamental de diferentes escolas de Londrina, Maringá e Apucarana,. Após várias análises e discussões, a partir de 2006, estamos retornando às mesmas escolas/professores, em um processo de intervenção, com propostas de trabalho.

Com fundamentação da Lingüística Aplicada (Moita Lopes, 2000; Celani, 2000; entre outros), sobre a formação continuada de professores, as discussões no Projeto progrediram no aspecto de compreendermos por análise lingüística o processo reflexivo (epilingüístico) dos sujeitos-aprendizes, em relação à movimentação de recursos textuais, lexicais e gramaticais, no que tange ao contexto de produção e aos gêneros veiculados, no processo de leitura, de construção e de reescrita textuais (PERFEITO, 2005).

Por isso, sugerimos que a gramática seja abordada contextualizadamente em dois momentos: 1) no processo de leitura, com a mobilização dos *recursos* lingüístico-expressivos, para a co-produção de sentidos; e 2) no momento da reescrita ou refacção textual, ocasião de análise da produção de sentidos e de maior abordagem de aspectos formais e da coerência. Nos dois momentos, há que se considerar as marcas lingüísticas (do gênero) e enunciativas (do sujeito-autor), de acordo com o arranjo composicional e com o contexto de produção.

Desse modo, consideramos que o aluno em contato com diferentes gêneros discursivos em organização curricular progressiva, no processo de leitura (e de escrita), tem a oportunidade de experienciar a pluralidade de textos que circulam em distintas

esferas de atividade humana, com diversidade de conteúdo temático, de construção composicional e de estilo.

Com estudos teóricos, sobretudo, de Bakhtin (1992); Rojo (2000), Barbosa (2003), Rojo e Cordeiro (2004) Dolz e Schneuwly (1996; 2004), após processo de diagnóstico realizado pelo projeto em salas de aula de várias escolas, e a constatação de que grande parte dos professores de ensino fundamental tem pouca clareza do “porquê” e do “como” ensinar com gêneros discursivos, Perfeito (2005, p. 61) elabora no artigo “*Concepções de linguagem: teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa*” uma proposta, partindo de idéias de Barbosa (2003), a ser utilizada na análise de textos de variados gêneros, no espaço escolar:

- *Contexto de produção e relação autor/leitor/texto* - observação de aspectos relativos ao/à: autor/enunciador, destinatário, provável objetivo, local e época de publicação e de circulação; exploração das inferências, das críticas, das emoções suscitadas; criação de situações-problema e de transformações, veiculadas a efeitos de sentido do texto etc.
- *Conteúdo temático* - temas que são tratados em textos pertencentes ao gênero em questão.
- *Organização geral (construção composicional)* - a estrutura, o arranjo textual.
- *Marcas lingüísticas e enunciativas* - características do gênero (lingüísticas) e do autor (enunciativas), o qual veicula seu texto, fundamentalmente, em determinado gênero (recursos lingüístico-expressivos mobilizados).

No artigo em pauta, apresentamos algumas sugestões de abordagem, para efeito de trabalho de análise lingüística em sala de aula (com as devidas reformulações / adequações e aprofundamentos), relativas ao conteúdo temático e às suas condições de produção, juntamente ao arranjo textual e às marcas lingüísticas, no processo de exploração de aspectos pertinentes à narrativa com mito, no caso específico, o Saci Pererê.

## 2. O QUE É MITO

A palavra mito vem do grego e significa história ou palavra. Assim como as lendas, os mitos não têm autoria conhecida e explicam a existência do homem e os mistérios da natureza. Tratam de sentimentos básicos: paixão, amor, ódio e medo. Às vezes, mito e lenda são confundidos, porque os limites de cada um são tênues (GOMES, 2001).

Segundo Brandão (2000),

Apesar dos aspectos fantasiosos, dos elementos fantásticos e aparentemente ilógicos que o povoam, o mito é verdade para o povo que o cultiva, está profundamente enraizado no seu tecido social, distinguindo-se, portanto, da lenda e sobretudo da superstição. (p.54)

O mito, portanto, é uma "primeira fala sobre o mundo", uma primeira atribuição de sentido, sobre a qual a imaginação exerce grande papel, e cuja função principal não é explicar a realidade, mas acomodar o homem ao mundo.

Claro está que mitos são símbolos, e como todo e, qualquer símbolo, encerram uma mensagem ou uma informação codificada, inteligível apenas para os que conhecem o código, a decodificação. Alguns são universais, outros restringem-se a uma região, porém, todos são expressões da necessidade humana de registrar e transmitir uma descoberta, um conhecimento ou uma lição. (PEREIRA, 2001)

Consideraremos, então, mito como narrativa de significação simbólica, transmitida de geração em geração e considerada verdadeira ou autêntica dentro de um grupo. O gênero, então, é caracterizado como narrativas que explicam a origem do mito. Nesse estudo, especificamente, abordaremos narrativa em que a personagem é o mito, propiciando através da história o contato quanto ao gênero.

Cada mito tem características próprias e apresenta diferentes histórias. No Brasil, são conhecidos os da Mula-sem-cabeça, Curupira, Boitatá, Iara, Lobisomem, entre outros.

Esses mitos têm em comum além das características físicas próprias, uma origem determinada ou uma função, algumas ações freqüentes das quais as pessoas precisam saber certas dicas para quebrar o encanto ou ficar livre de seus atos. A maioria possui origem indígena, quando não, sofreu diretamente sua influência.

Em suas aparições em diferentes regiões do Brasil, surgem também nomes variados: Boitatá (no sul – Baitatá, Batatá, Bitatá; no nordeste – Batatão e Biatatá; entre os índios – Mbaê-Tata); Caipora – Curupira, Pai do Mato, Mãe do Mato, Caiçara, anhangá, etc.; Iara – Mãe d'água, Ipujiara, Uiara; Barba Ruiva – Uurué, Barba Nova, Cabeça Vermelha; Lobisomem (mito universal) – Licantropo, Quibungo, Capelobo, Kumacanga (Pará), Curacanga (Maranhão), Hatu-Runa (Equador), El Chupasangre (Colômbia); Mula-sem-cabeça – Burrinha do Padre, Burrinha, Mula Preta, Cavalo-sem-cabeça, Padre-sem-cabeça.

Ainda outros mitos brasileiros podem ser verificados, como o Boto, Caipora, Matinpereira (Martim Pereira), Negrinho do Pastoreiro, Barba Ruiva e o Saci Pererê.

### **3. MARCAS LINGÜÍSTICAS DE NARRATIVAS COM MITO**

Ao observarmos narrativas cujas personagens são mitos, podemos identificar certas regularidades, denominadas marcas lingüísticas, algumas próprias da estrutura narrativa: enunciado de ações; ordenação dos eventos numa sucessão temporal e causal (ordem cronológica); tempo verbal do mundo narrado (pretérito perfeito e imperfeito) e presença do discurso direto, indireto e indireto livre.

O nome do autor (ou autores) da maioria das histórias que envolvem mitos, em geral, fica oculto, perdendo-se no tempo. Motivo pelo qual os fatos folclóricos são considerados anônimos.

A determinação de tempo e espaço, em geral, não é relevante. Quando há indicação de tempo, ela é vaga, imprecisa, introduzida por expressões como “era uma vez”, sem dizer com exatidão quando acontecem os fatos.

O autor, nesse sentido, pretende apenas expor uma situação / fato central, desenrolada pelo mito.

As personagens não são descritas com muitos detalhes, pois a maioria são mitos bastante conhecidos.

Tais narrativas apresentam uma solução ainda que momentânea para determinadas situações ocasionadas pela personagem mítica.

#### 4. O MITO SACI PERERÊ

Cascudo (1976) registra que foi em fins do século XVIII que se deu a aparição do Saci, vindo do Sul, pelo Paraguai-Paraná, zona indicada como tendo sido o centro da dispersão dos Tupi-Guaranis. Outros afirmam que o Saci tenha surgido no século XIX. Concordam, porém, ao dizer tratar-se de uma evolução de um mito indígena ao qual foram acrescentadas contribuições de elementos africanos e europeus.

Assim, inicialmente chamar-se-ia Yaci Yaterê e seria um índio de uma só perna. Esse índio teria ganhado a cor negra como contribuição do africano e o nome de Saci. Daí teria o português colocado-lhe um gorro vermelho. Entretanto, para alguns, originariamente o Saci possuía duas pernas perfeitas.

De região para região, de tempo em tempo, o Saci modifica sua aparência. Há relatos de Saci com calção ou mesmo nu, com duas pernas, de uma só perna ou com uma atrofiada.

Câmara Cascudo (1989) faz sua descrição como sendo:

"pequeno negrinho, com uma só perna, carapuça vermelha na cabeça, que o faz encantado, ágil, astuto, amigo de fumar cachimbo, de entrançar as crinas dos animais, depois de extenuá-los em correrias, durante a noite, anuncia-se pelo assobio persistente e misterioso..."

Como os demais mitos, o Saci assume diversas denominações, podendo ser Saci Pererê no Sul do país, Kaipora no Centro e Matintapereira ou Maty-Taperé ao Norte, além de Maty, Çaci, Saci, Pererê, Cererê, Saci-Saperê, Saci-trique, Saci-Seperê, Saci-Taterê.

O termo Saci resulta do tupi-guarani "Çaa cy perereg". Vem do verbo *pererek*, pular. Daí a origem do nome Saci Pererê que, por não ter uma perna, anda aos pulos (revista Galileu, edição 89).

As traquinagens ocorridas, em especial na zona rural, são sempre atribuídas ao Saci. Apaga a luz do candeeiro, some a criança do berço, queima o arroz, azeda o feijão, faz desandar a massa do bolo, coloca insetos na comida, troca o sal pelo açúcar. À noite dá nó na crina dos cavalos, rouba os ninhos das galinhas, deixa as porteiras abertas, assobia como o vento nas janelas e nas portas. Também invade casas, esconde objetos, assusta as crianças e causa insônias.

Monteiro Lobato foi o responsável pela difusão do Saci Pererê por todo o Brasil. Primeiro, com a proposição de um debate sobre o Saci, publicado no jornal O Estado de São Paulo e compilado em forma de livro com o título "O Sacy-Perê - Resultado de um inquérito", em 1918.

Com o livro "O Saci", que descreve a captura de um Saci pelo Pedrinho, Lobato resgata para o mundo infantil o mito e populariza essa personagem, como uma entidade travessa. Conta que ele nascia em um local da floresta conhecida como "sacizeiros", constituída de bambuzais de onde só saía quando completasse 7 anos e vivia até os 77.

A partir da versão televisionada do "Sítio do Pica-pau Amarelo", as travessuras do Saci Pererê lhe garantiram popularidade em todo o país e fora dele.

O escritor, chargista e cartunista Ziraldo também criou a turma do Pererê, com personagens como: o coelho, o macaco, o tatu, o jaboti, a onça, a coruja, um indiozinho, duas meninas e dois caçadores.

O folclore teceu, então, em torno dessa personalidade, inúmeros recontos, embora muitos deles não sejam comercialmente publicados. Como outros mitos, suas histórias fazem parte da tradição oral.

## 5. O TEXTO EM ANÁLISE

### Saci Pererê

Era uma vez uma velha que tinha por hábito, antes de deitar, preparar três cachimbos. Um ela pitava enquanto terminava os afazeres finais de arrumação da cozinha. Outro logo a seguir. E deixava o terceiro, costumeiramente em cima da taipa do fogão, para fumar depois de lavar os pés.

Acontece que, antes de fazer os preparativos finais para deitar-se, ia para outros compartimentos da casa.

Começou a observar que todas as vezes que ia pitar o último cachimbo ele estava pela metade. Um dia resolveu ficar a espreita. Lá pelas tantas, o Saci senta-se na beirada do fogo e passa a cachimbar gostosamente o pito de barro.

- “Ele me paga”! – monologou a velha ...

Noutro dia, encheu de pólvora o cachimbo com uma brasa e dali a pouco foi aquele estouro. “O Saci ficou aturdido e quando eu cheguei para pegá-lo”, contou a velha, “errou a porta, mas a janela estava destramelada e ele fugiu”...

“Nunca mais apareceu para fumar o meu cachimbo ...”

OLIVEIRA, João Rodrigues de. **Folclore nacional: folclore, tradição, superstição**. Curitiba: [s.n.], 1977. (Texto de Alceu M. Araújo, em sua homenagem)

O texto foi produzido por Alceu Maynard Araujo, que pela própria característica do gênero, não é o autor, mas quem fez o registro escrito. Vem reproduzido no livro “Folclore nacional: folclore, tradição, superstição”, de João Rodrigues de Oliveira, publicado em 1977. A mesma história aparece no livro *O Saci*, de Monteiro Lobato (1993), tendo como narrador o tio Barnabé.

No livro, o texto em questão aparece na parte sobre superstição, junto a santos protetores de doenças, candomblé, ao número 13, umbanda e outros mitos como Iara, Mula sem Cabeça, Boitatá, Lobisomem, Curupira, Negrinho do Pastoreiro.

Alceu Maynard Araujo é professor e autor de vários livros sobre folclore: “Folclore Nacional”, “Antologia do Folclore Brasileiro”, “Cultura Popular Brasileira”, entre outros, em várias edições e volumes, a partir de 1960. As últimas versões foram lançadas pela editora Martins Fontes, em 2004.

O tema abordado é o próprio Saci, um dos mitos do folclore brasileiro. Personagem com características bem definidas e famosa por suas traquinagens.

No plano geral, a história em questão possui um narrador-observador que apresenta duas personagens (a velha e o Saci), as quais desenrolam uma seqüência de ações, mas sem se determinar o espaço.

- Parágrafo 1 e 2: apresentação de uma personagem (a velha) e de suas atitudes usuais;

- Parágrafo 3: introdução do conflito (começou a observar que todas as vezes que ia pitar o último cachimbo ele estava pela metade...); o desdobramento do conflito (um dia resolveu ficar a espreita); a apresentação de uma personagem específica (Lá pelas tantas, o Saci ...); a evocação de sua atitude e sentimento (passa a cachimbar gostosamente o pito de barro);
- Parágrafo 5: o acontecimento notável (clímax) “encheu de pólvora o cachimbo”; a resolução da complicação (ele fugiu).
- Parágrafo 6: o comentário final “nunca mais voltou para fumar o meu cachimbo”.

O 1º parágrafo inicia-se com o pretérito imperfeito, tempo que remete ao mundo narrado e indica fatos contínuos ou ações freqüentes. A expressão “era uma vez” remete a um tempo indeterminado.

No segundo, a oração modalizadora “acontece que” revela uma atitude de justificativa do narrador, para poder comprovar como o Saci se apodera do cachimbo, sem que a velha veja, e assim introduz o conflito. Na seqüência, os verbos estão no pretérito imperfeito, continuando a apresentação de ações habituais.

Ao utilizar o verbo “começou” (3º parágrafo), o narrador indica a mudança de estado (se a velha estava desatenta, nesse momento ela percebe que há algo “errado”), após a recorrência do fato que é salientada pela expressão “todas as vezes que”. Ao utilizar o conectivo temporal “um dia”, permite ao leitor um pressuposto de que finalmente a personagem tomou uma atitude. O uso desse conectivo tem o mesmo valor de “até que”. Um novo circunstancializador temporal indefinido é mobilizado “lá pelas tantas” para apresentar a segunda personagem (o Saci) e o verbo “passa” introduz o pressuposto de que até então o Saci não estava fumando. O advérbio “gostosamente” revela a avaliação do narrador da forma de fumar do Saci. Com o pretérito perfeito, faz um retrospecto dos fatos até se chegar ao acontecimento principal.

No discurso direto (4º parágrafo), a utilização do tempo presente aponta a aproximação com o leitor. Há também uma mudança do tipo de narrador, a princípio observador (3ª pessoa), e finalizado em 1ª pessoa.

Com outro circunstancializador temporal “noutro dia”, o 5º parágrafo traz o ato notável. Interessante o narrador não utilizar adjetivos para caracterizar os fatos e personagens, nem mesmo para qualificar a proporção do estouro, escolhendo para isso um pronome demonstrativo “aquele estouro”, que adquire uma função adjetiva. Chama, dessa forma, o leitor a compartilhar com ele o conhecimento de grandiosidade. O operador argumentativo “mas” orienta para a conclusão (fugiu).

E, no comentário final (o texto é concluído pela personagem e não pelo narrador), o circunstancializador “nunca mais” revela que o Saci não voltou a fumar o cachimbo. No entanto, o uso do verbo “aparecer” permite pressupor que a velha pode não ter ficado livre de outras traquinagens do Saci, como é característica de seu comportamento.

Mencionamos aqui alguns recursos mobilizados pelo autor na produção de sentidos, mas outros aspectos podem ser explorados, como: o uso de aspas, para indicar a fala da personagem; o uso de advérbios indicadores de atitude ou estado psicológico diante dos enunciados (costumeiramente, gostosamente); e do artigo indefinido *um* e definido *o* outro, *o* terceiro como elementos de coesão.

É também marca visível do autor o uso constante de expressões temporais para fazer a progressão no texto: 1ª parágrafo: antes de deitar, enquanto, logo a seguir, depois

de. Parágrafo 2: antes de, um dia, lá pelas tantas. 5º parágrafo: noutra dia, dali a pouco. 6º parágrafo: nunca mais.

E, ainda, a utilização de linguagem popular, com termos e expressões característicos de certa comunidade (grupo social): destramelada, taipa, afazeres, pito, compartimentos, ficar a espreita.

## 6. PROPOSTA DE ABORDAGEM EM SALA DE AULA

Os alunos têm certo conhecimento de mitos sobre o qual podem se apoiar para ler / produzir narrativas. E o folclore pode se tornar importante elemento de criação de auto-estima, afirmação da personalidade e consolidação da cidadania, além de facilitar o aprendizado da linguagem.

O mito pertence originalmente às formas orais de comunicação (tanto que são poucos os registros escritos) e exige um conjunto de capacidades de linguagem da ordem do narrar.

O professor, como mediador entre o sujeito e o objeto de ensino, deve pensar em atividades seqüenciadas, a serem propostas/abordadas, relativas a esse gênero.

Para apontar caminhos aos professores, elaboramos uma seqüência de questionamentos que podem ser feitos aos alunos de 4ª série do ensino fundamental, no processo de produção ou co-produção de sentidos, a fim de indicar alternativas de trabalho na leitura, produção e análise lingüística.

### 1) Sugestão de atividades de leitura e análise lingüística

- *Conteúdo temático*

- O texto fala sobre o Saci, que é um mito. Você tem algum conhecimento sobre o Saci?
- Já ouviu falar sobre o aparecimento de algum?
- Como você o imagina?
- Pesquise sobre o Saci e sua origem.
- De acordo com o texto, como podemos definir o comportamento do Saci?
- Que outros mitos você conhece?
- A partir do título do livro no qual se encontra a história, indique qual o tema / assunto tratado.
- Qual a diferença entre mito, superstição e tradição? Procure com mais um colega, no dicionário/enciclopédia, estabelecer a diferença, por escrito, para posterior discussão em sala de aula.

- *Contexto de produção e relação autor/leitor/texto*

- Onde foi veiculado o texto?
- Quem provavelmente lê esse tipo livro?
- Podemos encontrar livros como o mencionado com frequência nas bibliotecas, livrarias? Existem versões atuais?
- O que podemos considerar como folclore?
- Quem são, provavelmente, as duas pessoas mencionadas, ao final do texto?
- Onde mais podemos encontrar textos como esse?
- Quem cria essas histórias?
- Há quanto tempo você acha que essas histórias são contadas?

- *Arranjo textual*
  - O texto *Saci Pererê* é uma narrativa com um mito. Você reconhece uma indicação precisa da época em que os fatos acontecem? Por quê?
  - Onde você acha que a história acontece? Justifique sua resposta.
  - Na narrativa com mitos, a descrição do lugar no qual ocorre a história é importante para que o leitor / ouvinte compreenda o acontecido? Justifique sua resposta.
  - No texto lido, o narrador participa da história ou somente conta a história?
  - Em quais parágrafos são apresentadas as personagens? Existe algum motivo para essa seqüência?
  - Qual o sinal usado para marcar as falas das personagens nesse texto?
  - Um acontecimento desencadeia o conflito/ a complicação da história. Qual é ele?
  - Como o conflito foi resolvido?
  - Identifique o parágrafo que apresenta um comentário da personagem.
  
- *Marcas lingüísticas e enunciativas* - características do gênero (lingüísticas) e do autor (enunciativas).
  - O que o uso de reticências indica no texto?
  - O ato “de lavar os pés”, mencionado no texto, se apresenta para você como:
    - ( ) o hábito próprio da personagem, que gostava de lavar os pés, antes de deitar.
    - ( ) um costume de pessoas de uma época ou região que não possuía facilidades para tomar banho, por isso lavavam apenas os pés.
    - ( ) uma superstição da personagem.
  - O autor utiliza expressões que indicam tempo. Assinale quais são essas expressões:

antes de, um, enquanto, outro, logo a seguir, terceiro, acontece que, depois de, um dia, lá pelas tantas, noutro dia, dali a pouco, nunca mais
  - A palavra pagar tem o mesmo sentido na expressão “ele me paga”, presente no texto, e na situação em que um amigo diz ao outro: “ele me paga o dinheiro que lhe empresto”? Por quê?
  - No texto, é usado o discurso direto, em que as falas são utilizadas para aproximar o leitor da personagem e vice-versa. Indique as passagens que contêm diálogos.
  - Indique os verbos utilizados pelo narrador para apresentar a fala de alguma personagem. Identifique quem é a personagem que fala.
  - Da relação abaixo, assinale os verbos que indicam a introdução da fala da personagem:

Dizer, fazer, falar, andar, responder, correr, perguntar, afirmar, gritar, contar, anunciar, chorar
  - Na frase final “nunca mais apareceu para fumar o *meu* cachimbo”, quem pronuncia essas palavras: o narrador ou uma das personagens? Justifique sua resposta com elementos do texto.
  - No primeiro e no segundo parágrafos, os verbos (pitava, terminava, deixava, ia) indicam:
    - ( ) ações freqüentes
    - ( ) uma condição ou uma coisa incerta
    - ( ) uma ordem
  - Na passagem: “lá pelas tantas, o Saci senta-se na beirada do fogo e passa a cachimbar gostosamente o pito de barro”, em que tempo verbal estão conjugados os verbos?



- Esse tempo verbal é usado para indicar:
  - ( ) uma ordem
  - ( ) uma certeza, um fato dado como certo
  - ( ) dúvida
- O Saci estava fumando, ao sentar-se na beirada do fogo? Justifique com elementos do texto.
- No 1º parágrafo, o autor evita a repetição da palavra cachimbo, utilizando outros elementos para substituí-la. Identifique quais são as palavras utilizadas.
- As palavras “destramelada, taipa, afazeres, pito, compartimentos, ficar a espreita” são utilizadas com frequência no dia-a-dia? Pesquise o significado dessas palavras no dicionário e justifique seu uso no texto.
- “Noutro dia, encheu de pólvora o cachimbo com uma brasa e dali a pouco foi aquele estouro”. O que significa “aquele” nesse contexto?

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos com esse trabalho apresentar aos professores aspectos teóricos e sugestões de abordagem de narrativas com mitos brasileiros, no caso específico, de uma narrativa com o mito Saci Pererê. E, neste contexto, apontar possibilidades de trabalho com a gramática de forma contextualizada, a fim de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem para que os professores tenham parâmetros de como planejar em suas aulas aspectos realmente relevantes para ampliação de conhecimento lingüístico do aluno.

### REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. de M. M. E. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOSA, J.P. *Receita*. São Paulo: FTD, 2003. (Coleção Trabalhando com gêneros do discurso).
- BRANDÃO, Helena N. *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1989.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. 2a. edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/MEC, 1976.
- CELANI, Maria Antonieta Alba. A relevância da lingüística aplicada na formulação de uma política educacional brasileira. In: FORTKAMP, M. B. M.; TOMITCH, L.M.B.

(Org.) *Aspectos de lingüística aplicada*. Estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Insular, 2000.

DOLZ, B.; SCHNEWLY, D. *Genres et progression en expression orale et écrite: éléments de réflexion à propos d'une expérience romande*. Genebra, Suíça: Enjeux, 1996. p. 31-39. Trad. de Roxane Rojo (mimeo.).

DOLZ, B.; SCHNEWLY, D. *Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona)*. Gêneros do oral e do escrito na escola. Trad. e org. de Rojo, R. e Cordeiro, G. L.. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

GOMES, Ana Valeska Amaral (coord.). *Ler e escrever, com muito prazer: a diversidade textual na alfabetização de jovens e adultos: guia com dicas para uso da série de programas*. Brasília: MEC, 2001. 96p. (Rádio Escola). Disponível em: <http://www.unopar.br/bibli01/catalogos.htm>. Acesso em 15 set. 2006.

MOITA LOPES, L.P. *Oficina de Lingüística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino-aprendizagem de língua*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

OLIVEIRA, João Rodrigues de. *Folclore nacional: folclore, tradição, superstição*. Curitiba: [s.n.], 1977.

PEREIRA, Franz Kreüther. *Painel de lendas & mitos da Amazônia: trabalho premiado (1º lugar) no concurso "Folclore Amazônico 1993" da Academia Paraense de Letras*. Belém: <http://www.tiosan.com/>, 2001. 92p. Disponível em: <http://www.unopar.br/bibli01/catalogos.htm>. Acesso em 15 fev. 2007.

PERFEITO, Alba M. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. IN: *Concepções de linguagem e ensino de língua Portuguesa* (Formação de professores EAD 18). v.1. ed1. Maringá: EDUEM, 2005. p 27-79.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala de aula: progressão curricular e projetos. In: \_\_\_\_ (Org.) *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras, 2000, p. 27-38. (As faces da lingüística aplicada).

ROJO, R.; CORDEIRO, G.S. Apresentação: gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Bernard S., Joaquim D. et al.. Trad. e org. de Rojo, R. e Cordeiro, S. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 7-18.